

Viagem pelas águas da Guiana Francesa na voz de duas poetas: Eugénie Rézair e Assunta Renau Ferrer

Josilene Pinheiro-Mariz¹

Resumo: Neste artigo busco apresentar e discutir a minha tradução de três poemas de duas poetas que escrevem em língua francesa: Eugénie Rézair e Assunta Renau Ferrer, mesmo em um país em que há a presença de outras línguas, a Guiana Francesa. Levo em consideração que se trata de uma literatura que em muitos aspectos assemelha-se à brasileira; mas, parece estar distante do leitor das nossas fronteiras. Ancorada em um pensamento que descreve a guianidade nessa produção literária (SILVA-REIS, 2021) e na importância da lírica feminina, com suas características que vão vazão a pensar sobre o anticolonialismo, bem como a própria identidade do povo da Guiana e ainda enfocando as reivindicações que vieram com o desfecho da escravidão e da colonização, na ótica de três autores literários da Guiana Francesa (STEPHENSON; PATIENT; PARADIS, 2008), discuto a tradução dos três poemas e minhas escolhas tradutórias. Antes, no entanto, apresento o corpus que acolhe os poemas traduzidos, a antologia *Outremer: trois océans en poésie* e discuto noções como a francofonia e o seu lugar na atualidade.

Palavras-chave: Eugénie Rézair; Assunta Renau Ferrer; Outremer

Voyage à travers les eaux de la Guyane Française avec la voix de deux poètes:
Eugénie Rézair e Assunta Renau Ferrer

1 Professora Associada na Unidade Acadêmica de Letras, da Universidade Federal de Campina Grande, atuando na graduação em Letras – Língua Portuguesa e Língua Francesa e na Pós-Graduação em Língua e Ensino (Mestrado e Doutorado). É também, pesquisadora no projeto DIPROLínguas: Distância e proximidade entre português, francês e outras línguas: potencial da reflexão comparativa (2018-2021) CAPES-COFECUB. Foi tutora do PET-Letras /UFCG de julho de 2012 a outubro de 2021. Editora da Revista Letras Raras.

Résumé: Dans cet article je cherche à présenter et aussi discuter ma traduction de trois poèmes de deux poètes qui écrivent en français: Eugénie Rézairé et Assunta Renau Ferrer, même dans un pays où d'autres langues sont présentes, la Guyane Française. Je tiens compte du fait que c'est une littérature qui, à bien des égards, ressemble à celle du Brésil; mais, il semble être éloigné du lecteur de nos frontières. Ancré dans une pensée qui décrit la Guyanité dans cette production littéraire (SILVA-REIS, 2021) et dans l'importance de la lyrique féminine, avec ses caractéristiques qui vont éventer à penser l'anticolonialisme, ainsi que l'identité même du peuple de Guyane et toujours centré sur les revendications issues de l'esclavage et de la colonisation, du point de vue de trois auteurs littéraires guyanais (STEPHENSON; PATIENT; PARADIS, 2008), je discute la traduction des trois poèmes et mes choix de traductrice. Avant, cependant, je présente le corpus qui comprend les poèmes traduits, l'anthologie *Outremer: trois océans en poésie* et j'aborde encore des notions telles que la francophonie et sa place aujourd'hui.

Mots-clés: Eugénie Rézairé; Assunta Renau Ferrer; Outremer

Introdução

Dentre as literaturas de língua francesa, a da Guiana Francesa não é exatamente uma das mais lidas no Brasil; muito provavelmente, nem mesmo por especialistas que se debruçam sobre as Américas de língua francesa há anos. A respeito das literaturas caribenhas ou antilhanas, não são raros os estudos que dão conta da força da criação lírica, no sentido amplo, das literaturas da América Central, muito especialmente. Historicamente, a Guiana Francesa, vizinha brasileira, tem ficado de lado quanto aos interesses de pesquisadores da área, professores e estudantes das ditas literaturas “francófonas”². Mas, qual seria o motivo dessa ausência entre os leitores, se é possível ler obras da Martinica, Guadalupe, Haiti e outros espaços geográficos de língua francesa?

Nestas discussões, procuraremos apresentar as ideias que dariam sustento à essa realidade. Destacamos aqui dois tipos de leitores: o iniciado, o especialista, que lê em francês e por isso, poderia ler “facilmente” as obras literárias de autores da Guiana Francesa; o segundo tipo é aquele leitor que, simplesmente, gosta de ler, todavia, não o faz em língua francesa, carecendo, portanto, da tradução da obra em língua portuguesa. Então, com o foco nesses dois nichos, traçamos considerações sobre a própria literatura da Guiana; e, na continuidade, apresentamos a tradução de três poemas, (presentes em uma antologia poética que reserva uma seção para

2 Mais adiante (em *A literatura da Guiana Francesa no âmbito da Francofonia*), discuto o motivo de deixar o termo entre aspas.

a Guiana), de autoras guianenses, sendo um da poeta Eugénie Rézair e dois da poeta Assunta Renau Ferrer.

A seleção do corpus deste estudo está ancorada em dois principais argumentos: primeiramente, intentamos discutir o lugar da autora de obras literárias no âmbito das literaturas de língua francesa. Evidentemente, não faremos uma longa descrição da produção dessas autoras pelo mundo; faremos, tão somente, um breve percurso pela produção feminina, dando-se enfoque à poética das duas citadas poetisas guianenses; o segundo argumento dá conta do canal de publicação do corpus escolhido para tradução e comentários que darão corpo a este artigo.

Assim, em um primeiro momento, entendemos como necessário deixar algumas observações sobre a tradução de obras de língua francesa no Brasil, dando-se destaque à literatura do espaço geográfico que abraça o nosso corpus, a Guiana Francesa. Assim, ancoramos a Guiana no espaço mais amplo da literatura dita “francófona”. Na sequência, apresentamos a Antologia Poética *Outremer: trois océans en poésie*, organizada por dois escritores franceses, quando desvelamos o ponto de vista do editor no que concerne à seleção dos textos e à estrutura da obra. Passamos, então, à tradução em si, traçando percursos e escolhas tradutórias e discuto-a, sem deixar de esclarecer o ponto de vista teórico que dá sustento às discussões, e as lentes que visam dar conta da leitura dos poemas, quando enfocaremos a *Viagem pelas águas da Guiana Francesa na voz de duas poetisas*.

A literatura da Guiana Francesa no âmbito da Francofonia

Sempre que se pensa nas literaturas de língua francesa pelo mundo, toma-se o termo literatura francófona como alcunha. Porém, o uso do termo, por vezes, soa como provocativo, haja vista que pensar em Francofonia, como no título desta seção, com F maiúsculo, é ter um espaço geográfico diverso no que diz respeito a questões sociais, econômicas, políticas, linguísticas e, evidentemente, literárias, só para citar alguns campos que são abarcados por essa noção. Por certo, não irei desenvolver esta discussão, uma vez que ela merece muitas ponderações, dentre as quais cito o manifesto *Pour une Littérature-Monde* (2007), que deu origem ao livro homônimo, organizado por Michel Le Bris e Jean Rouaud (2007), tendo signatários fundamentais para se pensar essa noção de *literatura-mundo* em vez de *literatura francófona*. Citamos Dominique Combe (2010) que, ao discutir os caminhos ou o futuro dessa literatura francófona, após o referido manifesto, afirma:

Le multilinguisme signifie «écrire en présence de toutes les langues du monde» selon ce que Glissant, on l'a vu, appelle «imaginaire des langues». La «totalité-monde» veut se «nous ne saurions plus chanter, dire ni travailler à partir de notre seul lieu, sans plonger à l'imaginaire de cette totalité» (Glissant, 1997, p. 176). La structure circulaire du roman Tout-monde confirme bien la dimension imaginaire de la migration, car les départs sont aussi des retours -retours éminemment césairiens comme dans le Cahier d'un retour au pays natal, mais aussi rimbaldiens, comme dans Une saison en enfer, ou dans le Bateau ivre, nourrissent la conclusion du roman: «Plus tard, il revint à la réalité, la vraie» (Glissant, 1997, p. 511). (COMBE, 2010, p. 223)³

Essa consideração de Combe (2010) se deve ao fato de os signatários⁴ do manifesto serem, autores que vivem entre duas ou mais línguas, diversos crioulos, árabe e outras línguas. O manifesto reivindicava uma “weltiliteratur”, “world literature”, daí, a “littérature-monde”, todavia, as críticas se acostam à ideia subjacente e contraditória, haja vista que toda essa perspectiva de literatura mundo é produzida em língua francesa. Para Obergöker (2010), essa é apenas uma ideia que nasce da expressão *World Literatures in English*:

La littérature-monde est l'adaptation assez fidèle du terme des World Literatures in English, notion censée remplacer celle des Commonwealth Literatures jugée trop impérialiste. Cette filiation est d'ailleurs revendiquée par le Michel Le Bris, fondateur de la notion de Littérature-monde, notion qu'il dépeint comme la résultante de la rencontre avec le monde anglophone, notamment avec la revue

3 Todas as traduções são de minha autoria, salvo menção contrária.

Multilinguismo significa “escrever na presença de todas as línguas do mundo”, segundo o que Glissant, como vimos, chama de “o imaginário das línguas”. A “totalidade-mundo” quer se “não saberíamos mais cantar, dizer ou trabalhar sozinhos em nosso lugar, sem mergulhar na imaginação dessa totalidade” (Glissant, 1997, p. 176). A estrutura circular do romance *Totalidade-mundo* confirma claramente a dimensão imaginária da migração, pois as partidas e também os retornos – retornos eminentemente cesairianos, como em *Cahier d'un retour au pays natal*, mas também rimbaldianos, como em *Une saison en enfer*, ou em *Le bateau ivre*, alimentam a conclusão do romance: “Depois, ele volta à realidade, à verdadeira” (COMBE, 2010, p. 223).

4 Signatários do manifesto *Pour une Littérature Monde*, em ordem alfabética: Muriel Barbery, Tahar Ben Jelloun, Alain Borer, Roland Brival, Maryse Condé, Didier Daeninckx, Ananda Devi, Alain Dugrand, Edouard Glissant, Jacques Godbout, Nancy Huston, Koffi Kwahulé, Dany Laferrière, Gilles Lapouge, Jean-Marie Laclavetine, Michel Layaz, Michel Le Bris, JMG. Le Clézio, Yvon Le Men, Amin Maalouf, Alain Mabanckou, Anna Moï, Wajdi Mouawad, Nimrod, Esther Orner, Erik Orsenna, Benoît Peeters, Patrick Rambaud, Gisèle Pineau, Jean-Claude Pirotte, Grégoire Polet, Patrick Raynal, Jean-Luc V. Raharimanana, Jean Rouaud, Boualem Sansal, Dai Sitje, Brina Svit, Lyonel Trouillot, Wilfried N'Sondé, Anne Vallaeys, Jean Vautrin, André Velter, Gary Victor, Claude Vigée, Abdourahman A. Waberi.

Granta de Cambridge première revue qui cherche à conceptualiser la dite World fiction⁵. (OBERGÖKER, 2010, p. 78)

Os argumentos são muitos e o manifesto foi impactante, instigando algumas manifestações de apoio e outras contrárias. Mas, o intento de situar esse episódio é tão somente para resgatar quão delicada é essa questão que, por essa razão, merece toda a nossa atenção. Na realidade, observando os signatários do *Pour une Littérature-Monde*, identificaremos a presença de experientes autores como Maryse Condé, Edouard Glissant, Tahar Ben Jelloun, por exemplo, e tantos outros do chamado sul global, na sua maioria absoluta; o que poderia nos revelar o manifesto como um espaço de reivindicação cultural também.

Mas, deixando a polêmica noção de francofonia de lado, até porque dar um rótulo a espaços tão diversos que vão do Canadá à Wallis e Futuna, uma coletividade francesa ultramarina, localizada no oceano Pacífico, passando por países da África, Ásia e Américas não é, exatamente, uma tarefa simples de realizar. Por isso, aportamos nossas reflexões nas águas da Guiana Francesa, ressaltando o quanto esse espaço geográfico está próximo do Brasil, embora não esteja nos planos de viagem do brasileiro, quando se pensa em França, uma provável exceção está naqueles que moram em cidades da região Norte deste nosso país de dimensões continentais.

Para além de ser um espaço desconhecido da maioria do povo brasileiro, este é apenas um elemento que nos distancia, mesmo sendo vizinhos com boas relações internacionais. Quando o assunto é literatura, esse distanciamento toma proporções maiores, pois, por aqui, muito pouco ou quase nada se sabe da literatura dessa Coletividade Territorial da Guiana⁶. Sobre a Guiana, José T. Felix (2008) apresenta ponderações, expondo alguns *Aspectos da literatura guianense: por uma poética da aproximação internacional*, argumentando exatamente a propósito da pouca divulgação dessas obras no Brasil. Entretanto, vale ressaltar que o citado artigo se volta para a Guiana e as literaturas de língua inglesa, confirmando-se a ausência de estudos no nosso país. Mais recentemente, pesquisadores têm se debruçado sobre essa produção literária, dentre os quais, cito o brasileiro Silva-Reis (2021) que, em seu

5 Literatura Mundo é uma adaptação bastante fiel do termo *World Literatures in English*, uma noção que deveria substituir a de Literaturas da Commonwealth, que é considerada imperialista demais. Esta filiação é aliás reivindicada por Michel Le Bris, fundador da noção de Literatura-mundo, noção que ele retrata como fruto do encontro com o mundo anglófono, em particular com a revista *Granta* de Cambridge, a primeira revista que busca conceituar a chamada *World fiction* [ficção do mundo]. (OBERGÖKER, 2010, p. 78)

6 Geopoliticamente, detalhes sobre a Guiana Francesa podem ser encontrados em: <https://www.ctguyane.fr/la-collectivite/>

texto *Sobre a guianidade literária de expressão francesa –prelúdio temático* apresenta uma visão panorâmica da literatura, destacando o que ele chama de “guianidade”. Com base em estudos de pesquisadores guianenses como Biringanine Ndagano, Monique Blérald-Ndagano e Catherine Le Pelletier, tece necessárias considerações, nos levando a vislumbrar o alto valor da poética dessa literatura de língua francesa, -não de expressão francesa-, considerando-se o quanto é ressaltada a identidade/guianidade literária desse povo. Assim, posso dizer que esse estudo é importante contributo para se compreender o que é essa identidade, pois, conforme ponderei anteriormente, não é possível colocar em uma única etiqueta todas as literaturas de espaços em que se fala francês, até porque há autores que fazem a escolha pela língua francesa, como é o caso da húngara Agatha Kristof ou da búlgaro-francesa Julia Kristeva, além de muitos outros.

Ora, se há poucos estudos sobre a literatura da Guiana Francesa, o que se dizer de traduções de obras literárias? Evidentemente, esse tema é outro daqueles que merecem discussões que passam pelo desconhecimento de editoras, desvalorização do tradutor, dentre muitos outros argumentos que nos levam ao mesmo: se faz sucesso lá fora, pode dar certo aqui. Se considerarmos a significativa quantidade de leitores no Brasil, somos, como nação, capazes de ‘nutrir’ qualquer investimento; entretanto, faltaria ampliar o universo do leitor brasileiro, levando-o a ampliar o do trânsito já conhecido: Europa e Estados Unidos. Porém, ainda hoje, o que nos chega de literaturas de coletividades, territórios e departamentos franceses passa, naturalmente pela França; como no caso da Antologia que se constitui no nosso corpus de estudo, conforme veremos na sequência.

A Antologia *Outremer: trois océans en poésie*

Não obstante a curta distância geográfica, é certo que o acesso às obras se constitui em um empecilho significativo para o leitor das obras literárias da Guiana Francesa, que quase sempre terão em mãos as obras a partir da França. Esse é o caso da antologia, que escolhemos para o presente estudo: *Outremer: trois océans en poésie*. Trata-se de uma das primeiras publicações das Éditions Bruno Doucey, uma editora fundada pelo poeta Bruno Doucey e pela romancista Murielle Szac em 2010. O poeta havia trabalhado por quase uma década em outra editora, a Éditions Seghers, casa de publicação que se dedica à poesia e que é parte da editora Robert Laffont. O seu interesse e propósito era dar voz aos poetas contemporâneos de todos os espaços, de levar a poesia para escolas, ruas, prisões, jardins... Para o editor, esse é «*Un travail de terrain inlassable porté par la conviction que la poésie est vitale,*

*d'autant plus dans des périodes troublées. Elle aide à penser, à **lutter contre tous les extrémismes**, les racismes, les intégrismes et les totalitarismes»⁷ (DOUCEY, 2021).*

A antologia citada data de 2011 e insere-se bem no credo do editor, pois para além do poético título, os organizadores, Christian Poslaniec, reconhecido escritor, poeta e especialista em literatura para crianças e jovens e o próprio Bruno Doucey, com a colaboração de Johanna Pélissier. Esses organizadores lembram o leitor que essa é a primeira antologia totalmente dedicada aos espaços ultramarinos franceses. Trazem 80 poetas distribuídos nos espaços líquidos de língua francesa: Guiana Francesa, Guadalupe, Martinica, Saint-Pierre-et-Miquelon, no Atlântico; Mayotte e Reunião, no Índico; Nova Caledônia, Polinésia Francesa, Wallis-et-Futuna, no pacífico. Para os organizadores, «*Chaque poète est une île, et chaque île porte en elle tous les rêves du monde. Une façon d'offrir, pour longtemps, l'asile poétique à nos désirs en archipel*»⁸ (POSLANIEC; DOUCEY, 2011). Esse prisma, colocado no prefácio e na orelha do livro, revelaria um desejo (in)contido de desfrutar em paisagens deslumbrantes, de praias e coqueiros à beira da praia; e, de fato, toda a apresentação da antologia caminha nesse sentido, de proporcionar uma experiência diferente ao leitor.

Uma observação sobre as escolhas dos territórios e coletividades é feita no prefácio da obra em que o editor, Bruno Doucey esclarece sobre a ausência de países como Haiti, por exemplo. Assim afirma:

Pour éviter toute confusion, nous rappellerons que Haïti, Madagascar ou Île Maurice n'appartiennent pas à l'Outre-mer français, mais au vaste monde «francophone», au même titre que la Suisse romande, la Wallonie en Belgique, le Québec, le Val d'Aoste, petite enclave «francophone» en terre italienne, l'Algérie, la Côte-d'Ivoire, la République démocratique du Congo ou le Vanuatu, état d'Océanie situé dans le sud-ouest de l'océan Pacifique»⁹. (DOUCEY, 2011, p. 12; aspas nossas).

7 Trabalho de campo incansável movido pela convicção de que **a poesia é vital**, especialmente em tempos conturbados. Ajuda a pensar, a **lutar contra todos os extremismos**, racismos, fundamentalismos e totalitarismos. (DOUCEY, 2021)

8 Cada poeta é uma ilha, e cada ilha carrega em si todos os sonhos do mundo. Uma forma de oferecer, durante muito tempo, asilo poético aos nossos desejos em arquipélago. (POSLANIEC; DOUCEY, 2011).

9 Para evitar qualquer confusão, lembramos que Haiti, Madagascar ou Ilhas Maurício não pertencem aos Territórios Ultramarinos Franceses, mas ao vasto mundo “francófono”, da mesma forma que a Suíça francófona, a Valônia na Bélgica, Quebec, o Val d'Aoste, um pequeno enclave francófono em solo italiano, a Argélia, a Costa do Marfim, a República Democrática do Congo ou Vanuatu, um estado da Oceania localizado no sudoeste do Oceano Pacífico. (DOUCEY, 2011, p. 12).

A necessidade de “não deixar dúvidas” em relação às escolhas geográficas (“Para evitar qualquer confusão”) ressalta o que discutimos ao fazermos referência à noção de francofonia. Dito de outra forma, mesmo para o público leitor, em primeira vista, o francês, essa noção parece ainda não estar tão clara, pois demanda a explicação ou justificativa. Porém, o que nos interessa a esta altura é a diversidade poética na escolha das obras. Nesse prefácio, o seu autor, discorre sobre tal diversidade, visitando os poetas do movimento da negritude, lembrando, assim, da necessidade do que Césaire nomeou de Revolução copérnica, em que se retira o “todo” poder da Europa, descentralizando progressivamente, a exemplo do que faz Fanon, em *Os condenados da terra*.

De fato, a Antologia se coloca como descentralizadora, ao jogar luzes na poética dos mares e oceanos, destacando-se as indefinidas paisagens, sim; mas também, instigando o leitor a uma viagem pelas águas de língua francesa, uma vez que *Chaque poète est une île, et chaque île porte en elle tous les rêves du monde*. (DOUCEY, 2011, p. 15). Esses sonhos do mundo, na Guiana Francesa ofertados a partir de cinco poetas: Léon-Gontran Damas, Serge Patient e Élie Stephenson, todos os três gozam de certo prestígio entre os leitores, guianenses e mesmo entre os brasileiros, haja vista terem suas obras mais acessíveis a públicos diversos. Completando a lista dos cinco, os organizadores trazem poemas de duas poetisas, sobre os quais discutimos a tradução: Eugénie Rézair e Assunta Renau Ferrer. Ambas gozariam, por assim dizer, de menos prestígio entre os leitores, não pela poética, mas, pelo desconhecimento da frutuosa lírica de ambas.

Das traduções das obras dos cinco poetas da Guiana Francesa em *Outremer* ...

A presença de cinco poetas da Guiana Francesa *Outremer: trois océans en poésie* nos conduzem a duas observações indispensáveis: primeiramente, três poetas homens e duas poetisas mulheres; o que ressalta a maioria masculina no mundo da literatura e, evidentemente, da poesia. Todavia, é importante ressaltar a presença das duas autoras, uma vez que Léon-Gontran Damas, Serge Patient e Élie Stephenson têm uma significativa preponderância entre leitores da lá e de cá também, conforme se pode ver em alguns estudos e traduções dos citados poetas. A presença delas em dois, dos cinco poetas presentes revela um cuidado do editor em dar voz também à lírica feminina; o que também é observado em várias obras do mesmo editor, em que poetas das Áfricas e de outros espaços geográficos também têm um lugar de

certo prestígio¹⁰; a antologia *Terre de femmes – 150 ans de poésie féminine en Haïti*, par Bruno Doucey, exemplificam esse cuidado.

Ao verificarmos os poemas guianenses contidos em *Outremer*, nos deparamos com *Solde*, de Damas; ... *il y avait le carnaval*, da antologia *Guyane pour tout dire* e *Cayenne est désolée que déchire un canal*, da antologia *La mal du pays*, ambos de Serge Patient, publicados em 1980 e os poemas *Jaillissements*, da antologia *Terres Mêlées* (1984) e ainda *Nous sommes le peuple*, da antologia poética *Une flèche pour le pays à l'encan*, de 1975, ambos de Élie Stéphenson. Sobre os poemas das autoras, encontram-se: ***Qui se souviendra du pays de Guyane?***, da Antologia *Pirogue pour des temps à venir* (1987), de Eugénie Rézairé; e, de Assunta Renau Ferrer, dois poemas: ***Poème des pluies d'avril*** e ***Ceux dont les mains nous parlent***, ambos da coletânea *Traversée de la poésie guyanaise*, de 2004, estes últimos constituem-se como nosso objeto de tradução.

Ao iniciarmos a leitura de *Outremer*, identificamos, imediatamente, a presença daquele que pode ser considerado o maior nome da lírica da Guiana Francesa. Léon-Gontran Damas é, portanto, o primeiro poeta, inclusive é quem abre a coletânea, com o poema *Solde*, dedicado a Aimé Césaire. Trata-se de uma poesia da Coletânea *Pigments*; muito provavelmente, a mais importante de seu autor. O poema tem tradução brasileira de acesso livre na *Revista Acrobata*¹¹, em uma tradução muito bem cuidada de Leda Rita Cintra, com apresentação de Floriano Martins. A página da referida revista apresenta ainda a tradução de outros quatro poemas de Damas: *Ils sont venus ce soir*, dedicado ao amigo Léopold Sédar Senghor; *Il est des nuits*, dedicado ao novelista cubano Alejo Carpentier; *Shine*, em homenagem ao músico Louis Armstrong, referência mundial do jazz e o poema *Savoir-vivre*, dedicado ao Etienne Zabulon, que não era artista, mas era também, na sua profissão de mineiro, um homem negro engajado com as causas do pensamento negro. Sem dúvida, Gontran Damas é um dos autores da Guiana Francesa mais conhecidos dentre os leitores de em nosso país.

Outras traduções do mesmo poeta podem ser encontradas em *Agulha Revista de Cultura*¹², em que se lê um afinado discurso sobre a poética desse que é, por certo, um dos principais de seu país, sendo o mais importante, dentro do

10 Conforme se pode consultar em <https://www.editions-brunodoucey.com/>

11 <https://revistaacrobata.com.br/florianomartin/traducao/5-poemas-de-leon-gontran-damas-guiana-1912-1978/>

12 <http://arcagulharevistadecultura.blogspot.com/2016/01/lilian-pestre-de-almeida-leon-gontran.html>

movimento da Negritude, segundo Almeida (2016), que lança um questionamento ao leitor: *Léon-Gontran Damas, o terceiro homem ou o primeiro poeta da Negritude francesa?* O autor ainda tem traduções de Graffitti, da coletânea *Black-Label et autres poèmes*, feita por Bagno (2016). Para além da importância de público e crítica no Brasil sobre Damas, tiramos desses estudos, embora não abundantes, o quanto há divulgado sobre esse poeta, cofundador do movimento da Negritude.

Já a produção literária de Serge Patient, talvez não tenha a mesma visibilidade no Brasil, quanto à Damas; mas, Patient é um autor de forte importância entre leitores da Guiana Francesa e, por aqui, já teve a tradução de um romance feita por Paulo Wysling, em 2005 e publicada pela editora Pontes. Essa narrativa, *Le Nègre du gouverneur. Chronique coloniale de la Guyane [O escravo do governador]* revela um autor engajado nas causas da histórica colonização. Ele é também professor de espanhol, e se destaca por sua poética militante. Logo, mesmo sendo ainda pouco conhecido no Brasil, na Guiana Francesa, Patient é um autor que está para além das fronteiras, sendo também conhecido na França.

Quanto ao Élie Stephenson, este é possível ser lido em português a partir de Silva-Reis (2016), os poemas de *Catacombes de Soleil, [Catacumbas do Sol]*. Stephenson, além de poeta é também um contista e dramaturgo que se ocupa em proteger a memória do seu povo, sobretudo no que diz respeito à tradição oral, o que se revela em sua preocupação também com o espaço plurilíngue em que vive. A peça teatral *La nouvelle légende de D'Chimbo* foi totalmente publicada em francês e crioulo e nos agradecimentos, é possível ler: «Nous remercions Monique Blérald-Ndagano, Aude Thérèse, Marie Legrand, Clarisse Marveaux, Lydie Laumord, qui ont amicalement assuré la traduction ou relu les manuscrits, ainsi que Maurice N'Guyen-Van-Ky pour ses renseignements»¹³ (STEPHENSON, 1996, p. 7). Em 2020, Élie Stephenson recebeu o prêmio *Carbet de la Caraïbe et du Tout-Monde* pelo conjunto de sua obra.

Ao contrário dos três poetas acima, as duas autoras presentes na Antologia *Outremer* são bem menos conhecidas por aqui e por lá também. A primeira, Eugénie Rézairé, é uma mulher política, – assim como a sua conterrânea Christiane Taubira –, já tendo sido candidata ao Senado, é também presidente da *Associação dos Amigos de Léon-Gontran Damas*. É uma voz presente na coletânea *Euro-Caribbean Societies*

13 Gostaríamos de agradecer à Monique Blérald-Ndagano, Aude Thérèse, Marie Legrand, Clarisse Marveaux, Lydie Laumord, que gentilmente traduziram ou revisaram os manuscritos, bem como Maurice N'Guyen-VanKy por suas informações. (STEPHENSON, 1996, p. 7).

in the 21st Century: Offshore Finance, Local Elites and Contentious Politics, de junho 2020, uma coleção que se propõe a analisar as realidades dos antigos impérios coloniais europeus no Caribe, focando-se em territórios ultramarinos britânicos, holandeses e franceses. A voz de Rézairé é poética e política, assemelhando-se, nesse sentido, à poética glissantiana (DAMATO, 1996). Também não nos aparece em nenhum ensaio, artigo ou tradução; porém, é citada em diversas pesquisas, como uma mulher engajada politicamente, com as causas da sua Guiana. No Brasil, apenas Silva-Reis (2021) faz referência a ela como presidente da *Associação dos amigos de Léon-Gontran*, logo como uma militante pela difusão da leitura de obras literárias guianenses.

A outra poeta dos cinco guianenses é Assunta Renau Ferrer, também pouco conhecida dentre os leitores brasileiros, embora tenha nascido do lado de cá do Oiapoque. Muito recentemente, a poeta vem sendo estudada por professores-pesquisadores brasileiros, manifestada na recente publicação de Almeida e Silva-Reis (2021) em que se pode encontrar algumas traduções da poeta, particularmente da Antologia *Mon coeur est une mangrove* (1996) e, há também uma lista de obras publicadas pela autora, dentre as quais, se destaca a Antologia em que está o poema traduzido neste artigo: *Traversée de la poésie guyanaise*, de 2004.

... às traduções dos poemas de Eugénie Rézairé e Assunta Renau Ferrer

A tradução da literatura da Guiana Francesa não é uma realidade no Brasil. Muito provavelmente porque mesmo nessa Região ultramarina francesa, é preciso haver um esforço coletivo para que as obras cheguem aos leitores *intramuros*. Especialistas como Manga (2010) lembra que seria necessário resolver um problema interno para que as obras pudessem circular. Em seu *La lecture publique à l'épreuve du territoire, un défi pour la Guyane de demain?*, esse pesquisador ressalta as dificuldades encontradas para se ter bibliotecas em longínquos meios rurais da Guiana Francesa. Em sua tese de doutorado, de 2007, já discute sob o ponto de vista literário e sociológico, as inúmeras dificuldades que se impõem diante da necessidade de se ler literatura ali. Outro estudo acurado da situação dá enfoque à formação de leitores literários, Boisdrón, em tese *Discours et réception littéraire dans les pratiques éducatives et langagières des élèves de seconde en Guyane*, de 2016, faz um detalhado estudo sobre a importância da formação escolar de leitores literários.

Que relação esses estudos teriam com a tradução das obras? Muito simples: o gap na presença de traduções no Brasil, tão próximo da Guiana Francesa, poderia estar nessa ausência de uma formação leitora local, que é potencializada nas regiões longínquas. É o que nos assegura Bitegüe (2008):

[...] *au regard des données bibliographiques disponibles, nous observons que la Guyane souffre d'une pénurie de l'offre dans ce domaine comme on peut le vérifier dans les bibliothèques et centres de documentation locaux ainsi que dans le circuit commercial. Cela étant, même si les auteurs guyanais sont peu connus en Guyane, une interrogation paraît tout à fait essentielle pour mener une réflexion objective: les bibliothèques et centres de documentation locaux ont-ils un rôle à jouer en matière de conservation et de vulgarisation de la littérature guyanaise*¹⁴. (BITEGÜE, 2008, p. 157)

Fica, então, o questionamento a esse respeito, mesmo que houvesse um sistema de biblioteca integrado, como na França metropolitana, os autores literários seriam mais acessíveis? Para Bitegüe (2008, p. 162): *«La littérature guyanaise est irrémédiablement victime des difficultés de fonctionnement des espaces de lecture locaux, lesquels sont eux-mêmes liés à l'insuffisance des professionnels du livre et de la lecture [...] plus les années passent, moins les œuvres semblent disponibles à la lecture.»*¹⁵. Então, como fazer circular a obra para além das fronteiras?

O que se tem feito no Brasil é um trabalho quase de garimpagem; estudiosos, pesquisadores, professores de francês como língua estrangeira comprometidos com uma formação que vá para além da França hexagonal têm se dedicado a melhor conhecer e igualmente a traduzir obras de autores da Guiana¹⁶. Assim, as temáticas e as principais características dessa poética têm sido divulgadas no Brasil. Conforme se pode ver em alguns estudos sobre a lírica guianense, a natureza está para além dos títulos dos poemas. É Silva-Reis (2021, p. 87) que reitera esse pensamento:

14 [...] no que diz respeito aos dados bibliográficos disponíveis, observamos que a Guiana sofre com a escassez de oferta neste campo, como pode ser verificado em bibliotecas e centros de documentação locais, bem como no circuito comercial. Dito isto, mesmo que os autores guianenses sejam pouco conhecidos na Guiana, uma pergunta parece absolutamente essencial para realizar uma reflexão objetiva: as bibliotecas e centros de documentação locais têm um papel a desempenhar em termos de conservação e divulgação da literatura guianense? (BITEGÜE, 2008, p. 157)

15 A literatura guianense é uma vítima irremediável das dificuldades de funcionamento dos espaços de leitura locais, que estão ligadas à falta de profissionais do livro e da leitura. [...] quanto mais os anos passam, menos as obras parecem disponíveis para leitura (BITEGÜE, 2008, p. 162)

16 O presente número da *Cadernos de Literatura em Tradução* ratifica a minha afirmação.

“Essa tradição temática vem desde a literatura de viagem produzida e inspirada pelo departamento em autores como Jean Galmot (1879-1928), René Jadfard (1901-1947) e Raymond Maufrais (1926-1950)”. A natureza, portanto, está presente nos poemas traduzidos aqui e revelariam, de certa forma, a guianidade, a identidade guianense das duas poetisas.

Essa guianidade nas poetisas Eugénie Rézair e Assunta Renau Ferrer são visíveis nos poemas *Qui se souviendra du pays de Guyane?*, de Eugénie Rézair, *Poème des pluies d’avril* e *Ceux dont les mains nous parlent*, de Assunta Renau Ferrer, confluindo, assim, para a proposta da coletânea *Outremer*, pois revelam o quanto a poesia é vital e como ajuda a pensar e lutar contra “extremismos, racismos e totalitarismos”, sem que a beleza lírica seja comprometida.

Iniciamos as nossas discussões sobre a tradução com o poema *Qui se souviendra du pays de Guyane?*, de Eugénie Rézair. (POSLANIEC; DOUCEY, 2011, p. 31-32):

Qui se souviendra du pays de Guyane?

Eugénie Rézair

L’Indien est mort d’avoir sevré notre enfance

Et puis,

Que faire qui ne soit

Le respect de nous-mêmes, par nous-mêmes admis?

Que dire, malgré les uns et les autres,

Contre la morgue de l’étranger-roi,

Et le rythme étrange d’une humanité déçue,

A cause de barques négrières en délire?

Nous ne serons que ce que nous voulons être,

Par-delà nos tentatives à risquer calculés.

Que ramener à nous,

Insulaires sur un continent de civilisations échouées?

J’ai mille pensées ancrées, arrimées à des parfums de violence.

Quem se lembrará do país da Guiana?

Eugénie Rézair

O índio morreu por ter desmamado nossa infância ...

E então,

O que fazer a não ser

O respeito a nós mesmos, por nós mesmos admitido?

O que dizer, apesar de uns e de outros,

Contra a arrogância do estrangeiro-rei,

E o estranho ritmo de uma humanidade caída,

Por causa dos batéis negreiros delirantes?

Seremos apenas o que queremos ser,

Para além de nossas tentativas de riscos calculados.

O que trazer de volta para nós,

Insulares em um continente de civilizações fracassadas?

Tenho mil pensamentos ancorados, amarrados a perfumes de violência.

Que faire de tous ces objets
Qui nous encombrant l'espace, et le devenir,
Modernisés pour mieux détruire
Enguirlandés pour mieux séduire,
Multipliés pour mieux réduire?
Que dire de ces vivats au colon
Installé à Macouria ou à Mana en pleine
savane?
Que penser de l'administrateur du pillage,
Économiquement ou culturel,
Tortueux et avide?
Que dire à ceux,
Qui ne seront ni épargnés, ni sauvés, ni sauvés,
ni même protégés
Ou amnistiés,
Parqués de l'île à la forêt,
Traqués, puis cernés,
Emmenés puis aliénés?
Comment retarder la destruction prochaine,
L'implantation factice d'espaces verts,
La montée architecturale des prisons vitrées,
L'isolement de l'enfant dans sa tour de béton
armé

Qui se souviendra du pays de Guyane,
Victime des promesses,
Et malade de son passé truqué?

Qui donc se souviendra, petite sœur sauvage,
Du pays de Guyane,
Lorsque l'enfance matraquée des bourgs
Ira s'enfoncer dans la folle idiotie
Des concentrations de la ville?

Qui se souviendra du pays de Guyane?

O que fazer com todos esses objetos
Que nos destroçam o espaço e o futuro
Modernizados para melhor destruir
Embelezados para melhor seduzir,
Multiplicados para melhor reduzir?
O que dizer desses vivas ao colono
Instalado em Macouria ou em Mana no meio
da savana?
O que pensar do administrador da pilhagem,
Econômico ou cultural,
Tortuoso e ganancioso?
O que dizer a esses,
Quem não serão poupados, nem salvos, nem
mesmo protegidos
Ou anistiados,
Deixados da ilha à floresta,
Caçados, depois cercados,
Levados então alienados?
Como retardar a destruição vindoura,
A implantação artificial de espaços verdes,
A ascensão arquitetônica das prisões envi-
draçadas,
O isolamento da criança em sua torre de
concreto armado

Quem se lembrará do país da Guiana,
Vítima das promessas,
E doente de seu passado capturado?

Quem então se lembrará, irmãzinha selvagem,
Do país da Guiana,
Enquanto a infância maltratada das aldeias
Vai se afundar na louca idiotie
Das concentrações do lugarejo?

Quem se lembrará do país da Guiana?

L'Indien est mort d'avoir sevré trop tôt notre enfance... O índio morreu por ter desmamado nossa infância...

Pirogue pour des temps à venir, 1987

Como não encontramos traduções para o português desta poeta, ancoramo-nos nos estudos que revelam características da poesia guianense, segundo alguns estudos de autores da própria Guiana (STEPHENSON; PATIENT; PARADIS, 2008). Neste caso específico, são três dos mais renomados autores que afirmam que além de o poema ser o gênero favorito dos autores, apesar de o romance ser o preferido dos leitores, a poética guianense está ligada ao anticolonialismo, à identidade e às reivindicações que são decorrentes da escravidão e da colonização. São esses mesmos autores que afirmam que a poeta têm tido um maior impacto nos últimos anos, do ponto de vista de 2008. Para eles, elas entram com força «sur la scène littéraire, en vers et en prose à la fois: Assunta Renau-Ferrer (*Mon Cœur est une mangrove*, poésie), Line-Marie Stanley (*La Saison des abattis*, roman), Aline Chanol (*Le Lerol de mon enfance*, récit), Eugénie Rézairé (*Pirogue pour les temps à venir*, poésie)». (STEPHENSON; PATIENT; PARADIS, 2008, p. 33-34). A força e o olhar para o anticolonialismo e o pós-colonização podem ser vistos desde o título e em vários versos.

Nos 43 versos livres, distribuídos em 6 estrofes, ouve-se o refrão que é também o título do poema: *Qui se souviendra du pays de Guyane?*. O primeiro verso ressalta a História não apenas da Guiana, mas de todos os povos das Américas, lembrando o leitor do genocídio indígena que buscava dar lugar ao progresso. Nos versos cinco seguintes: “E então,/ O que fazer a não ser,/ O respeito a nós mesmos, por nós mesmos admitido?/ O que dizer, apesar de uns e de outros/ Contra a arrogância do estrangeiro-rei.”. No sexto verso, a escolha de “arrogância” para o termo “morgue”, e não orgulho ou desdém, se deu por compreender que o poema revela um engajamento sócio-histórico, que pode ser identificado em todo o seu conjunto. O próprio título do poema toma lugar de refrão, ao iniciar as estrofes 4 e 6: “Quem se lembrará do país da Guiana” ecoa como uma litania que marca o quanto é importante guardar a memória desse povo. Todas as escolhas tradutórias buscaram mostrar essa militância da poeta em busca de manter viva a guianidade.

Os versos de 12 a 13: “Insulares em um continente de civilizações fracassadas? /Tenho mil pensamentos ancorados, amarrados aos perfumes de violência”. Decidi manter a tradução mais próxima dos termos em francês, a exemplo de “*Insulaires*”;

como temos em português a palavra “insular”, embora outros significantes sejam mais utilizados para o mesmo significado, tais como “isolado” ou “ilhado”, vejo que o termo está mais próximo da proposta poética da poeta, uma vez que pode instigar ainda a noção de insular enquanto o espaço sonhado, exótico; ilha, mar, águas que lavam e levam as angústias de viver em um continente cuja “civilização” estaria falida. Quanto ao verso 13, pensamentos ancorados e amarrados aos perfumes, por certo, a escolha por nos leva ao sofrimento dos povos da terra, já assinalado no primeiro verso, em que o indígena está presente.

Nos 4 versos, de 15 a 18: Que nos destroçam o espaço e o futuro/ Modernizados para melhor destruir/ Embelezados para melhor seduzir, /Multiplicados para melhor reduzir? Escolhemos “destroço” e não entulho, que seria o primeiro significado para o verbete “*encombremment*”, pois a ideia de destroço está mais próxima de algo que se quebrou, que se desfez. No mesmo caminho, usamos “embelezar” para o termo “*enguirlander*”, levando em consideração que o termo está ligado à guirlanda, também poderia ser uma coroa ou diadema. Todavia, no poema, embelezar cabe melhor para a proposta de seduzir; isto é, o eu lírico identifica o inimigo disfarçado, que quer destruir para ninguém se lembre mais daquele lugar. A partir do verso 19, esse inimigo começa a ficar mais evidenciado, então, o colono é revelado, como aquele que seria o administrador da pilhagem; aqui é evidente o engajamento poético de Rézairé, contra o colonialismo, pois o tom de denúncia é bastante evidente no poema.

Nos versos 27 a 29: “Deixado da ilha à floresta /Caçados, depois cercados,/ Levados então alienados?”, a escolha exigiu uma pouco mais de atenção, sobretudo para o verbo “*parqués*”, que poderia ser “estacionados”; no entanto, no contexto do poema não seria adequado. Chegamos ao verbo “deixados”, pois consideramos as duas localidades citadas anteriormente, no verso 20: “Instalado em Macouria ou em Mana no meio da savana?”, que são, de fato, lugares distantes no seio da savana guianense, identificamos esse “deixados” como mais apropriado. No restante do poema, a escolha tradutória foi a mesma, aproximação do léxico francês, deixando aflorar a lírica da poeta que lamenta a destruição de uma natureza para dar lugar às “prisões envidraçadas e à “torre de concreto armado”.

O poema *Quem se lembrará do país da Guiana?*, no seu conjunto, é um chamado às raízes, uma denúncia da destruição da natureza por todo lugar, evidentemente, há movimentos sociais que se inquietam com empreitadas como o Centro Espacial da Guiana (Centre Spatial Guyanais), em operação desde 1968, assim como outras marcas do progresso que levam a natureza à total destruição não apenas na Guiana Francesa.

Passo à tradução do primeiro poema de Assunta Renau Ferrer: *Poème des pluies d'avril*. Para o trabalho tradutório dos poemas da autora, busquei outras traduções em português para me ajudarem a balizar as traduções que construí para esse poema. Provavelmente, a única tradução de Assunta Ferrer é o artigo de Almeida e Silva-Reis (2021). No entanto, sendo a antologia *Mon coeur est une mangrove* o objeto de estudo, não foi possível encontrar traduções de *Traversée de la poésie guyanaise*, coletânea em que se encontra o poema aqui traduzido. De toda forma, a “tradução do mangue”, como elemento da natureza, enquanto marca da lírica de Ferrer, tornou-se um importante ponto de partida para a minha tradução.

Poème des pluies d'avril

Assunta Renau Ferrer

Poema de chuvas de abril

Assunta Renau Ferrer

Le ciel fond
 Depuis ce matin.
 Mon jardin
 Baigné brillant,
 Comme un bain
 Qui rend triste,
 Un bain qui rend songeur.
 Le vent froid
 Dépose contre mes carreaux
 Des baisers qui s'écoulent,
 Larmes d'un ciel
 En émoi ou en joie;
 Larmes de saison
 Qui couvrent ma vie.
 Et pourtant au fond de moi,
 S'allume l'incendie:
 La lumineuse pulsion
 D'un poète qui s'invite
 Et vient jouer sur mes lignes,
 Avant que la pluie
 Ne sèche sa paupière

O céu derrete
 Desde esta manhã.
 Meu jardim,
 Regado brilhante,
 Como um banho
 Que deixa triste,
 Um banho que te faz sonhador.
 O vento frio
 Afaga meus azulejos
 Com beijos que escorrem,
 Lágrimas de um céu
 Emocionado ou alegre;
 Lágrimas sazonais
 Que cobrem minha vida.
 E, no entanto, no fundo de mim
 Ateia o incêndio:
 A luminosa pulsão
 De um poeta que se convida
 E vem brincar nas minhas linhas,
 Antes que a chuva
 Seque sua pálpebra

Traversée de la poésie guyanaise, 2004

Na tradução desse poema, aparentemente simples, com apenas 21 versos livres, como tradutora, pude identificar dois momentos mais delicados que estavam no primeiro e no décimo segundo verso. No primeiro: para chegar a “O céu derrete”, a partir de “*Le ciel fond*”, foi necessário ler todo o poema, pois “fond” ao lado de “ciel” leva o leitor diretamente ao “céu profundo” em todo o seu mistério. Entretanto, neste poema, ao ler os versos seguintes de 2 a 7, a lírica sensível de Ferrer fica mais acentuada, em especial nos versos 8 a 11, em que os elementos da natureza são mais evidentes, tais como a chuva (lágrimas do céu) e o vento. A tradução do verso 12 solicitou uma pequena modificação quanto à estrutura sintática para poder atender à semântica, pois no anterior: “Lágrimas de um céu”, se eu utilizasse “em emoção ou em alegria” para dizer “En émoi ou en joie”, que seria a tradução mais próxima, não completaria o sentido do verso anterior. Então, optei por “Emocionado ou alegre” para completar a ideia das lágrimas de um céu emocionado ou alegre e na sequência, “lágrimas sazonais” para “larmes de saison”, pois o termo sazonal aproxima-se mais da ideia de que não é algo permanente, mas, de uma determinada estação.

Todo o poema resulta em marcas da natureza, desde o seu título, com chuva e uma estação do ano que revela um conforto.

No segundo poema de Assunta Renau Ferrer, *Ceux dont les mains nous parlent*, a natureza não é deixada de lado e a descrição com elementos da fauna misturam-se a uma poética com um vocabulário de emoções e fluidez. É, pois um poema cuja delicadeza nos revela uma poeta de uma lírica muito particular, que mistura engajamento como afirmaram os poetas Stéphenon, Patient e Paradis (2008).

Ceux dont les mains nous parlent

Assunta Renau Ferrer

Tes doigts dessinent la vie en silence,
Virevoltent en papillon de soleil.
Tes mains qui parlent de tes rêves
Nagent dans l'air du matin.
Et chaque message se dépose en secret
Dans la conscience de l'autre.
Quand les émotions sont ruisseaux à ton
visage,

Aqueles cujas mãos nos falam

Assunta Renau Ferrer

Teus dedos desenhavam a vida em silêncio,
Rodopiam como borboletas ao sol.
Tuas mãos que falam de teus sonhos
Nadam no ar da manhã.
E cada mensagem pousa em segredo
Na consciência do outro.
Quando as emoções são fluidez no teu rosto,

<p>Quand, à l'heure du soir naissant, Tes ombres sont paroles Tandis que le vent lui-même S'arrête pour écouter, C'est une symphonie pour les yeux et le cœur.</p>	<p>Quando, na hora da noite nascente, Tuas sombras são palavras Enquanto o próprio vento Pára para ouvir, É uma sinfonia para os olhos e para o coração.</p>
<p>Tes bras enlacent la vie en harmonie, Dansent en ballets des lumières. Ton rire qui dit tes joies Se perd dans la brise qui passe. Et chaque souvenir se rencontre en secret Pour la mémoire d'un autre. Quand les espoirs effacent les tristesses, Quand, à l'heure des matins transparents, Tes gestes sont des livres Teus gestos são livros Tandis que le temps lui-même S'arrête pour lire, C'est le concert qui s'offre et se dérobe.</p>	<p>Teus braços entrelaçam a vida em harmonia, Dançam em balés das luzes. Teu riso que traduz tuas alegrias Se perde na brisa que passa. E cada lembrança se conta em segredo Para memória de um outro. Quando as esperanças apagam as tristezas, Quando, na hora das manhãs transparentes, Enquanto o próprio tempo Pára para lê-los, É o concerto que se oferece e se esconde. <i>Traversée de la poésie guyanaise, 2004.</i></p>

Neste caso, as escolhas tradutórias buscaram dar vazão a uma poeta que tem na língua de sinais um balé ou como borboletas ao sol, como encontramos no segundo verso. Todo o poema, com duas estrofes, com doze versos livres, cada uma, nos conduzem ao engajamento social por uma minoria que não ouve, mas, guarda toda uma delicadeza na comunicação. No caso da tradução deste poema, para além do léxico, a apreensão dos sentidos é o mais importante, pois no momento em que o leitor se depara com os três primeiros versos, parece ficar evidente o objeto da lírica: Teus dedos desenham a vida em silêncio/ Rodopiam como borboletas ao sol./ Tuas mãos que falam de teus sonhos. O terceiro verso com o verbo “falar” (*Tes mains qui parlent de tes rêves*) evidencia o assunto do poema que, na realidade, já vem anunciado no próprio título.

No caso deste poema, a proposta de fazer falar, com as mãos, aqueles que geralmente não têm voz e nem são ouvidos mostra o nível de sensibilidade e engajamento social de Assunta Renau Ferrer e, ao mesmo tempo, reitera a poética de *Outremer*, em que o convite à viagem pelos mares da Guiana Francesa é evidente.

Algumas palavras de conclusão

A tradução de poesia é um desafio para qualquer tradutor por mais experiente que seja. Muito provavelmente, em minha tradução pode ser revisitada, pois a fiz com o cuidado de uma aspirante, que não está em emergência ou sobrevivência, como nos afirma Faleiros (2012, p. 19): “A dimensão ideológica aparece também nas escolhas de textos e autores feitas pelo tradutor. Quando não se trata de uma encomenda ou de necessidade de sobrevivência, essas escolhas costumam ser programáticas...”. O fato é que não tenho dúvidas de que a dimensão ideológica foi a que mais prevaleceu nas traduções dos três poemas das guianenses, indo muito além de apenas decodificar signos, entendo a tradução como esse caminho de semear ideias.

Assim, neste artigo, primeiramente, pude ancorar o ponto de vista que problematiza a literatura dita “francófona”, para, na continuidade, discutir essa problemática no corpus que acolhe os poemas traduzidos, uma obra que pretende difundir a poéticas dos mares de língua francesa, daí o seu título: “Além-mar; três oceanos em poesia”. Apresentamos discussões que dão conta tanto da ausência de traduções da literatura da Guiana Francesa no Brasil, quanto de uma problemática que é local, a falta de circulação das obras literárias, dadas as condições em que alguns povoados se encontram no que diz respeito à acessibilidade.

Ao final, apresentamos os cinco poetas guianenses que estão na referida antologia, destacando os poemas já traduzidos, apontando o acesso às traduções publicadas para então chegarmos às traduções dos três poemas que também comentei, justificando as escolhas lexicais; mas, por certo, os três poemas traduzidos têm uma força ideológica tão marcante que é muito pouco provável lê-los, sem perceber a voz da guianidade: de amor à natureza e sua terra.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Danielle Grace de; SILVA-REIS, Dennys. Ler o mangue e sentir o vento: vestígios elementares de uma poética franco-brasileira em *Mon coeur est une mangrove* de Assunta Ferrer. *Rev. Raído*, Dourados. UFMS. v. 15, n. 38, p. 160-175, maio/ago 2021. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/14858/8387>>. Acesso em 20 de janeiro de 2022.

ALMEIDA, Lilian Pestre de. Léon-Gontran Damas, o terceiro homem ou o primeiro poeta da Negritude francesa? *Agulha Revista de Cultura*. Disponível em: <<http://arcaguharevistadecultura.blogspot.com/2016/01/lilian-pestre-de-almeida-leon-gontran.html>>. Acesso em 23 de janeiro de 2022.

BITEGUE dit Manga Blaise. *Lecture publique et identités locales: le cas des territoires isolés de l'intérieur de la Guyane française*, Université de Picardie Jules Verne, Thèse de doctorat en sociologie. 362. 2007.

BITEGUE dit Manga Blaise. «La lecture publique à l'épreuve du territoire, un défi pour la Guyane de demain?», *Études caribéennes* n. 15 | Avril 2010, mis en ligne le 15 avril 2010, consulté le 29 janvier 2022. <<http://journals.openedition.org/etudescaribeennes/7870>>.

BITEGUE dit Manga Blaise. La littérature guyanaise de demain, d'où vient-elle? In: *Nouvelles Études Francophones*. v. 23 n. 2008. p. 155-176.

COMBE, Dominique. *Les littératures francophones: questions, débats, polémiques*. Paris. PUF. 2010.

DAMATO, Diva Barbaro. *Édouard Glissant: poética e política*. São Paulo. Ed. Ananablume. 1996.

DAMAS, Léon-Gontran; BAGNO, Marcos. Os *Graffiti* de Léon-Gontran Damas. *Cadernos De Literatura Em Tradução*. n. 16, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115292>>. Acesso em 03 de junho de 2021.

FALEIROS, Álvaro. *Traduzir o poema*. Cotia. Ateliê Editorial. 2012.

FÉLIX, Teixeira José. Aspectos da literatura guianense: por uma poética da aproximação internacional. *Rev. Textos e Debates*. n. 14. p. 67-85. UFRR. 2008. Disponível em: <<https://revista.ufr.br/textosedebates/article/view/876/721>>. Acesso em 20 de janeiro de 2022.

OBBERGÖKER, Timo «Cinq thèses sur la littérature-monde en français: une polémique», *Carnets*. Numéro Spécial; 2010, mis en ligne le 16 juin 2018, consulté le 20 de janeiro de 2022. Acesso em <<http://journals.openedition.org/carnets/4955>>.

PATIENT, Serge. *O Escravo do governador*. Tradução Paulo Wysling. Campinas-SP: Pontes, 2005.

POSLANIEC, Christian; DOUCEY, Bruno. *Outremer: trois océans en poésie*. Paris. Editions Bruno Doucey. 2011.

SILVA-REIS, Dennys. Sobre a guianidade literária de expressão francesa-prelúdio temático. *Revista Communitas*. UFAC. v. 5, n. 10. abril-junho. 2021.

STEPHENSON, Élie; PATIENT, Serge; PARADIS, André. Trois Écrivains guyanais parlent librement de la littérature guyanaise. *Nouvelles Études Francophones*. vol. 23, n. 2. 2008. p. 32-43.

STEPHENSON, Elie; SILVA-REIS, Dennys. Poemas da Guiana Francesa (Poemas escolhidos de *Catacumbas de Sol* de Elie Stephenson). *Cadernos De Literatura Em Tradução*. n. 16, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115298>>. Acesso em 22 de janeiro de 2022.